

Veterinária de ponta

Ambulatório de acupuntura em Botucatu aplica com sucesso a técnica para tratar problemas neurológicos e degenerativos em animais, mas pesquisas ainda não eliminam dúvidas sobre influência do efeito placebo

Pablo Nogueira ●

Há um ano e meio, a cachorrinha Tuca, uma mistura de pincher, chihuahua e outras raças, começou a sofrer de convulsões quase diariamente. Diagnosticada com uma epilepsia congênita, passou a ser tratada com Gardenal, um medicamento conhecido pelo forte efeito que causa em humanos. “Estávamos dando duas gotas por dia, mas é muito forte para ela, que pesa pouco mais de 3 kg”, conta a dona do animal, Raquel Domeniconi.

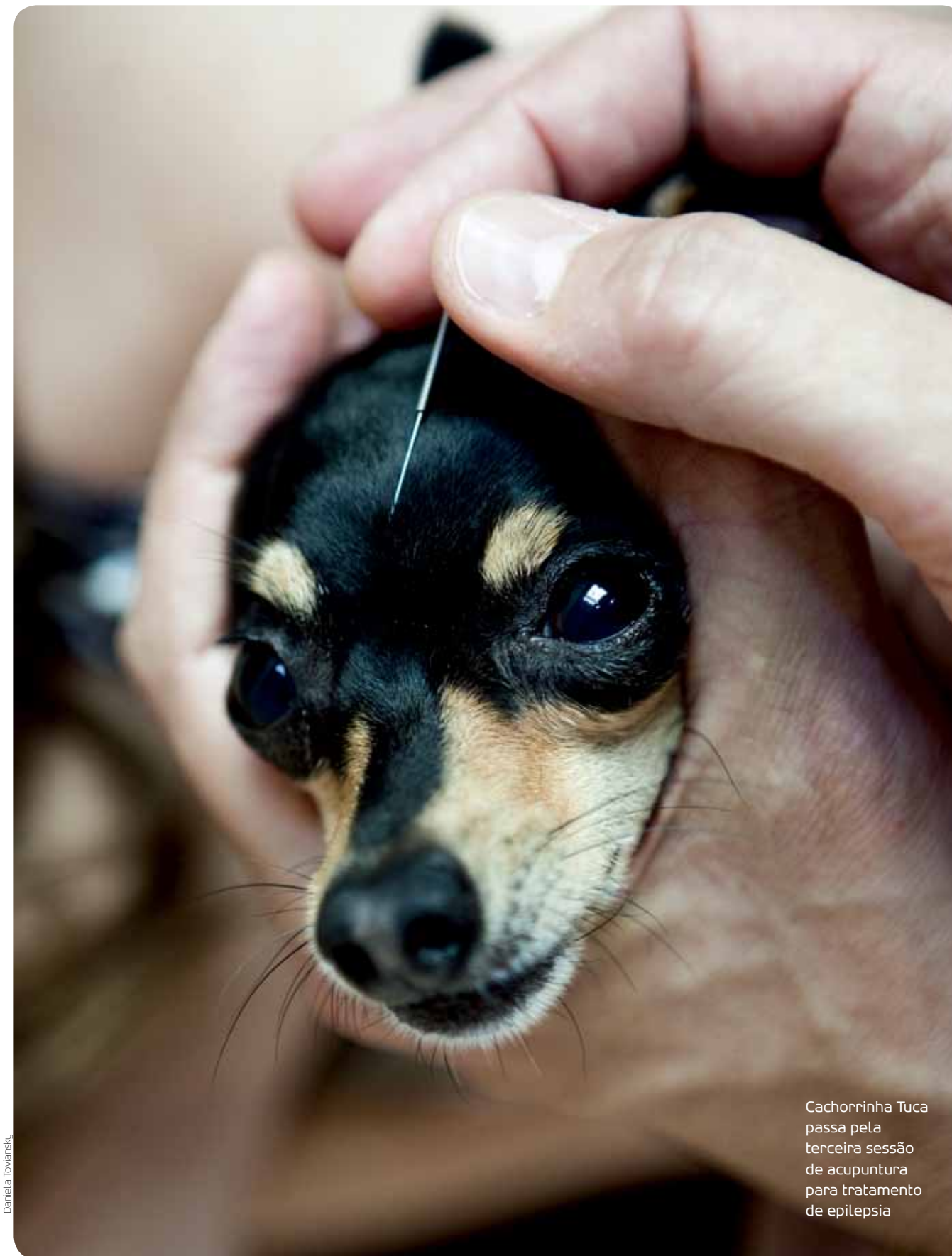
E mesmo assim as convulsões continuaram, até que Tuca teve dois ataques no mesmo dia. A dona então resolveu buscar novas opções de tratamento e recebeu a sugestão de procurar o ambulatório de acupuntura veterinária que funciona

na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da Unesp em Botucatu. Em dezembro passado, quando levou o animal para a terceira sessão, estava esperançosa com o tratamento. “Desde que começaram as sessões, não houve nenhuma convulsão”, comemorava Raquel.

Desde 1995 a acupuntura é reconhecida como especialidade válida para médicos e veterinários no Brasil. E o uso da prática em animais parece ser tão antigo quanto em humanos, remontando à China pré-histórica (foram encontradas agulhas de metal do século 3 a.C.). Mas apesar de tão difundida, a técnica ainda é controversa, em especial em humanos, uma vez que estudos não são conclusivos e muitos suspeitam que os casos de su-

cesso podem ser apenas reflexos do efeito placebo. Nesse sentido, ganham força as pesquisas em torno do uso veterinário na tentativa de elucidar se as agulhadas funcionam ou não.

O ambulatório da FMVZ começou a funcionar em 1998, de modo informal. “Os atendimentos eram feitos nos corredores”, lembra Stelio Pacca Luna, professor do Departamento de Cirurgia Veterinária e o principal nome por trás das atividades envolvendo acupuntura na FMVZ. Hoje, o ambulatório funciona às sextas-feiras, a partir das 13h. Os dez veterinários que prestam o atendimento trabalham como voluntários e são ou foram alunos de graduação e pós da FMVZ. Até 2009, foram atendidos 1.137 animais, sendo 94% cães.



Cachorrinha Tuca passa pela terceira sessão de acupuntura para tratamento de epilepsia

Daniela Tóviansky



PIONEIRO

Stelio Luna trouxe para a Unesp os estudos com cavalos; ele lidera o grupo de pesquisa que, de 2002 para cá, publicou cerca de 20 artigos em periódicos



CADA VEZ MAIS POPULAR

Mais de 1.100 animais já foram tratados no ambulatório de acupuntura da FMVZ



VARIANTE ELÉTRICA

A eletroacupuntura, em alguns casos, mostrou-se mais eficaz que a cirurgia



UM CASO COMPLICADO

Paralisada por dores tão fortes que requeriam o uso de metadona como analgésico, a cadela Mel havia perdido a capacidade de locomoção; hoje anda normalmente

“Resolvemos aplicar o conhecimento que obtínhamos pela leitura de pesquisas e de trabalhos científicos na prática clínica para ver quais resultados se poderiam obter”, conta Jean Guilherme Fernandes Joaquim, que foi aluno de Luna da graduação ao doutorado, e é seu braço direito no dia a dia do ambulatório. Ele e um colega de iniciação científica começaram a tratar os primeiros cães levados para a FMVZ. Os primeiros resultados positivos foram atraindo mais donos de animais, mas ele mesmo, quando encontrava um caso que julgava interessante, oferecia a possibilidade de tratamento. “Nosso foco sempre foi tratar mais de problemas neurológicos e osteo musculares degenerativos. São áreas em que o diagnóstico é simples, mas onde não houve grande avanço em termos de tratamento”, explica. “A acupuntura encontrou aí um nicho.”

Problemas de coluna

Os resultados obtidos pelo ambulatório impressionam. A cachorrinha Mel, da raça teckel (ou dachshund), teve uma lesão na coluna cervical que a deixou paralisada. Para suavizar as dores excruciantes, recebia injeções de metadona (um potente opioide, usado como substituto da heroína

na em tratamentos para viciados) a cada quatro horas. Entre abril e julho, recebeu 13 aplicações de acupuntura. “Ela chegou a receber até três aplicações na mesma semana”, lembra sua dona, a comerciante Sônia Basso. Hoje, Mel voltou a andar, correr e saltar.

Nina, outra teckel (esta raça, conhecida popularmente como salsicha, é mais propensa a ter problemas de coluna) teve uma lesão que lhe subtraiu os movimentos na parte de trás do corpo. Seu dono, o também veterinário Marco Antonio Bertani, teve de encomendar uma cadeirinha de rodas para que o animal não tivesse que se arrastar pelo chão. “O veterinário que fez a cadeirinha fez alguns testes nela e me disse que jamais voltaria a andar”, conta Bertani. Após 17 sessões de acupuntura, porém, o animal aposentou o objeto e retomou o cotidiano de brincadeiras.

O atendimento tem possibilitado a Pacca e aos demais pesquisadores ligados ao seu grupo realizar estudos científicos que avaliam, quantitativamente, os efeitos clínicos da terapia chinesa. Um dos trabalhos mais recentes, publicado em 2010 no *Journal of the American Veterinary Medical Association*, comparou

os efeitos de três tratamentos aplicados a 40 cachorros com problemas neurológicos causados por compressão do disco intervertebral.

Parte dos animais foi submetida ao tratamento padrão, que consiste numa cirurgia para diminuir a compressão do disco. Outra parte foi tratada com eletroacupuntura, procedimento no qual as agulhas, depois de inseridas no corpo, servem para a administração de pequenas descargas elétricas. Por fim, um terceiro grupo recebeu as duas modalidades de tratamento. A cirurgia mostrou-se bem sucedida em 40% dos casos. A combinação dos dois procedimentos foi eficaz em 72%. Já a eletroacupuntura sozinha trouxe benefícios em 79%.

Neste caso, fica bem clara a associação entre o trabalho do ambulatório e a pesquisa. “Pelo trabalho feito no ambulatório, nós percebemos quais são as patologias que respondem bem ao tratamento com acupuntura. Ou, às vezes, partimos do trabalho de colegas. Não é uma pesquisa cega, buscamos uma comprovação daquilo que já se sabe de forma empírica”, diz Joaquim.

De 2002 para cá, o grupo de pesquisas em acupuntura veterinária coordenado

por Luna publicou uma vintena de artigos com suas pesquisas, alguns em revistas de alto impacto. Os estudos analisam diferentes modalidades da prática.

Além da já mencionada eletroacupuntura, outra variante consiste na aplicação de água, sangue ou fármacos. Uma terceira possibilidade é colocar pequenos objetos sólidos nos pontos, como forma de minimizar a necessidade de sessões. Com esta técnica, Luna conseguiu tratar um tigre do zoológico de Lisboa, que também vivia dopado com Gardenal devido a uma epilepsia crônica. Após a aplicação de pequenos implantes de ouro, o predador conseguiu ter uma vida normal por um ano e meio.

Embora as técnicas variem, todas seguem uma lógica comum, que destaca, acima de tudo, o local do corpo onde a aplicação é feita. De acordo com a medicina tradicional chinesa, pelo corpo de homens e animais circula uma energia invisível, denominada chi, através de certos canais. Ao longo desses canais, segundo a teoria, existem pontos que, se adequadamente estimulados, fazem com que a energia circule normalmente. É esse estímulo que as diferentes técnicas de acupuntura proveriam, visando a

otimização da circulação do chi.

Pacca explica que, nas pesquisas acadêmicas sobre a técnica terapêutica, esses conceitos tradicionais não são utilizados. “Não tem lugar na ciência para discutir o chi”, diz. Em sua maior parte, os estudos buscam os mecanismos pelos quais o estímulo dos pontos poderia criar efeitos sistêmicos no organismo. Alguns parecem ter sido detectados.

Análises hormonais já mostraram que as aplicações afetam a liberação, no organismo, de diversas substâncias endógenas, tais como a serotonina, a dopamina, a oxitocina, o cortisol e a substância P.

Para os antigos chineses, a eficácia da acupuntura estava na capacidade de restabelecer o fluxo de energia no corpo; a ciência ocidental sabe que ela depende de alguma forma de transmissão nervosa, mas ainda desconhece seus mecanismos bioquímicos

Outra linha de investigação mostrou que, quando se realiza uma anestesia local previamente à aplicação das agulhas, os efeitos diminuem. Isso sugere a ocorrência de alguma forma de transmissão por via nervosa. Mas, nos dois casos, não se sabe exatamente quais seriam, exatamente, os mecanismos bioquímicos envolvidos. “Mas mesmo quando se trata de remédios consagrados, não temos conhecimento detalhado de seus mecanismos bioquímicos. A acupuntura, nesse sentido, não se diferencia da medicina convencional”, sustenta Luna.

Cio induzido

As primeiras pesquisas desenvolvidas pelo grupo da FMVZ centravam-se nos cavalos. Luna iniciou-se na acupuntura em 1985, num curso voltado para sua aplicação em humanos. Em 1994 foi à Inglaterra cursar o doutorado na Universidade de Cambridge e lá viu a terapia sendo usada em cavalos. Ao retornar ao Brasil, iniciou suas próprias investigações na área. Seu primeiro estudo mostrava que o uso da terapia tornava possível induzir o cio em éguas usando apenas um décimo da quantidade de medicamento normalmente empregada para esse fim.



DEMONSTRAÇÃO DE EFEITO IMEDIATO

Joaquim apalpa o cavalo, que, com dor, se agita. Após a aplicação de uma agulha num ponto na pata, a pressão no mesmo local deixa de causar incômodo



"DOPING" SEM QUÍMICA

Eficácia da acupuntura no tratamento de animais de corrida já fez com que o uso da técnica seja proibido em hipódromos de alguns países

A pesquisa foi publicada em 1999 e teve repercussão internacional. "Um grupo estrangeiro, inspirado no nosso trabalho, publicou um artigo afirmando que obteve o mesmo resultado só que utilizando uma acupuntura falsa, isto é, com agulhas colocadas fora dos pontos. Mesmo não replicando o nosso trabalho, este paper quebrou todos os paradigmas do que havia sido feito até então quanto ao uso de hormônios para induzir gravidez em cavalos", conta Luna.

Em 2002, o pesquisador participou em Cuba de um curso específico de formação em acupuntura veterinária. Ali percebeu que o conhecimento da parte filosófica da medicina tradicional chinesa era de vital importância para o uso da técnica. O resultado foi uma guinada em suas pesquisas. "Até então eu era um mero colocador de agulhas, que se limitava a reproduzir a escolha de pontos que via na literatura. Com esse conhecimento passei a ser mais criterioso na seleção, e isso gerou uma grande diferença no tratamento", explica.

Um dos trabalhos que mais gerou repercussão foi a tese de doutorado de Ana Laura Angeli, outra assídua colaboradora do grupo de acupuntura veterinária da FMVZ. Defendida em 2005, ela avaliou os efeitos da prática sobre a performance de cavalos de corrida associados ao jôquei clube de Curitiba. Tanto no Brasil quanto fora, o uso da acupuntura para tratar animais competidores é cada vez mais comum. E alguns hipódromos já chegaram a proibi-lo, por ser considerado uma espécie de doping não químico.

A pesquisa mensurou os possíveis benefícios sobre a capacidade cardíaca e metabólica dos cavalos. Foram usados 18 animais, divididos em um grupo tratado com acupuntura falsa, outro com atendimento nos pontos adequados e um terceiro grupo controle. Luna explica que nessa pesquisa não há uma mera colocação de agulhas nos mesmos pontos para todos os indivíduos. Cada um é avaliado individualmente, de acordo com a conceituação da medicina tradicional chinesa, e tratado segundo esse diagnóstico.

Uma vez que o tratamento é individual-

izado, a metodologia buscou uniformizar as demais variáveis. Durante um período de oito meses, todos os animais receberam ração e treinamento idênticos, estiveram sob os cuidados de um único treinador e foram montados pelo mesmo jôquei. As análises finais não identificaram nenhum benefício da acupuntura à saúde cardiovascular dos animais, mas registraram um aumento nos parâmetros usados para medir o metabolismo anaeróbico.

Outro item medido, ainda que talvez um pouco mais subjetivo, reforçou os argumentos em prol do caráter benéfico do uso da técnica. Nos dois meses anteriores aos tratamentos, os animais do grupo tratado com acupuntura falsa e do grupo controle haviam obtido uma vitória nas corridas que disputaram. Nos dois meses subsequentes, obtiveram, também, uma vitória. Já os animais tratados com acupuntura não haviam vencido prova alguma antes do tratamento. Depois disso, porém, cinco deles cruzaram a linha de chegada em primeiro lugar.

O conhecimento acumulado pelo grupo da FMVZ na aplicação da acupuntura veterinária já é aproveitado, inclusive, por outros setores da faculdade. Um bom exemplo é o caso do garanhão apelidado de "Natinho", um cavalo da raça Brasileiro de Hipismo enviado do Paraná para Botucatu para ser tratado de hemiplegia pelo Departamento de Grandes Animais. Os veterinários do departamento encaminharam o animal ao grupo de Luna e Joaquim, para que ele recebesse também um tratamento com eletroacupuntura.

Enquanto Joaquim passava a mão na parte traseira do cavalo, o animal chegou a relinchar de tanta dor, levando Joaquim a concluir que ele estava com a "energia estagnada em alguns pontos". O veterinário espetou então uma agulha em sua pata e depois de alguns segundos, voltou a tocar a mesma região traseira. Dessa vez, o cavalo não demonstrou qualquer incômodo. "O efeito da aplicação, em alguns casos, pode ser quase imediato", conta.

Embora a pesquisa acadêmica sobre a acupuntura tenha se expandido a partir dos anos 1970, e seu uso tenha se popularizado no mesmo período, a prática ain-

da está longe de se tornar unanimidade.

A literatura sobre o tema contém também muitos estudos que mostram um grau semelhante de benefícios entre o tratamento com a "verdadeira" acupuntura e a falsa, isto é, aquela em que as agulhas não são colocadas nos pontos adequados e que, por isso, supostamente não deveria produzir benefícios. No final de 2010, a polêmica voltou à tona com a divulgação de um estudo feito no MD Anderson Cancer Center, nos EUA. A pesquisa, com 455 portadores de artrite no joelho, mostrou que tanto aqueles tratados com a verdadeira terapia quanto com a falsa obtiveram benefícios muito parecidos.

Evidências problemáticas

"Não existe consenso sobre a suposta eficácia da acupuntura", diz Francisco Wechsler, professor aposentado da FMVZ e membro da Sociedade Brasileira de Céticos e Racionalistas. Há anos, ele acompanha as pesquisas envolvendo terapias alternativas e contesta os resultados dos experimentos que sugerem que a prática chinesa proporcione benefícios. "A maior parte destes estudos tem problemas. A escolha dos indivíduos para os grupos não é feita com rigor, e muitos não utilizam um grupo placebo como controle", diz.

Ele levanta questionamentos semelhantes sobre algumas das pesquisas realizadas pela equipe de Luna. "No estudo envolvendo lesões no disco vertebral, não houve grupo controle para avaliar o efeito placebo, e a escolha dos animais que se submetiam a cada tipo de tratamento foi feita pelos donos dos cachorros. Também

não houve avaliação independente dos resultados, o que pode permitir a ocorrência de algum viés", diz. No trabalho feito com cavalos de corrida, ele alega que as diferenças encontradas na mensuração do metabolismo são pequenas e que poderiam talvez ser explicadas pela estatística. "A questão das vitórias obtidas pelos cavalos tratados com acupuntura é um dado subjetivo, como os próprios autores reconhecem."

Wechsler lembra que o efeito placebo é documentado em animais também. Ivan Pavlov (1849-1936), através do uso de condicionamentos, conseguia fazer com que animais de laboratório experimentassem uma queda de pressão arterial mesmo quando injetados com uma substância capaz de elevar a pressão.

"Até o simples fato de o dono dar carinho ao animal doente pode induzir alguma resposta orgânica", afirma. Ele aponta como problemáticos os vários estudos em que se verificaram benefícios semelhantes tanto para os usuários da "verdadeira" acupuntura quanto da falsa. "Se há algum benefício, é pequeno, e sua constatação é ainda nebulosa. Só com mais estudos bem-feitos essa possibilidade poderá ser verificada", complementa.

Luna reconhece que o efeito placebo é verificado em animais, e por isso ele diz incluir em vários de seus experimentos o uso da acupuntura "falsa", mas ressalta que, na maioria dos seus trabalhos, a estratégia apresentou diferença expressiva quando comparada com o grupo tratado com a técnica "verdadeira". "Além disso, estudos como os que fazemos envolvendo cavalos são difíceis de repetir, pois exigem pessoas com experiência. Um pesquisador inexperiente não conseguirá repeti-los", diz.

Ele enfatiza, porém, que os animais foram submetidos a avaliações objetivas, como medição da velocidade, contagem de número de vitórias e avaliação de parâmetros metabólicos. "Além disso, jôqueis e tratadores não sabiam quem recebia qual tratamento, a fim de eliminarmos vieses. É por termos essa abordagem objetiva que conseguimos publicar nossos artigos em revistas científicas tradicionais, não ligadas à acupuntura", afirma. ^{UC}

A acupuntura "falsa" é usada em experimentos como controle para o efeito placebo e costuma apresentar resultados expressivos. Isso reforça o argumento dos críticos, que sustentam que a terapia chinesa não proporciona benefícios específicos